

EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL NA PERSPECTIVA DO CONTROLE DE INFECÇÃO ENTRE GRADUANDOS DO CURSO DE ENFERMAGEM.

NEVES, Heliny Carneiro Cunha ¹ ; **SOUZA**, Adenícia Custódia Silva ²

Palavras- chave: Infecção Hospitalar, Precauções Universais, Enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

Ao realizar atendimento hospitalar, os enfermeiros estão constantemente expostos a vários riscos durante a execução de suas tarefas, principalmente por manusear diretamente o sangue e fluidos corporais de pacientes, potenciais portadores de doenças os quais são possíveis fontes de transmissão de patógenos. Assim, prevenir infecção depende da proteção por meio de barreiras entre o hospedeiro e o microrganismo. Essas barreiras incluem dentre outras medidas a utilização de equipamentos de proteção. No curso de Enfermagem, os estudantes devem adquirir conhecimento sobre o uso dos EPI. É durante a prática que os alunos se deparam com situações que exigem a utilização destes equipamentos de segurança. Nem sempre a construção do conhecimento sobre a indicação de uso dos EPI tem ocorrido de forma eficaz durante a graduação. Temos observado na prática, que enfermeiros (as) recém-graduados (as) não têm utilizado os EPI refletindo na baixa adesão a essa importante medida de prevenção e controle de infecção no Serviço de Assistência à Saúde. Assim este estudo tem como objetivos verificar a compreensão dos alunos a cerca de Equipamento de Proteção Individual na perspectiva do controle de infecção e identificar a contribuição dos cursos de graduação em enfermagem para a construção do conhecimento dos graduandos sobre o uso do EPI.

2. MATERIAL E MÉTODO

Estudo descritivo de abordagem quantitativa realizado com alunos do último ano/semestre dos cursos de Enfermagem de Instituições de Ensino Superior no Estado de Goiás no ano de 2005. Os dados foram obtidos por meio de um questionário após validação, teste piloto, e observação dos aspectos ético-legais. Os resultados foram processados no programa Epi-info versão 2004, apresentados em figuras, tabelas e analisados por meio de estatística descritiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 182 graduandos, sendo 145 (79,6%) do sexo feminino, 21 (11,5%) do sexo masculino. Em relação à faixa etária, houve um predomínio de adultos jovens entre 20 a 30 anos de idade.

Todos afirmaram fazer uso do EPI durante a sua prática assistencial, e a maioria refere ter estudado sobre esse tema em disciplina curricular.

Verificamos (Tabela 1) que 170 (93,4%) dos alunos afirmaram fazer uso do jaleco em todas as atividades práticas.

Tabela 1. Distribuição de freqüência e porcentagem dos EPI segundo a rotina de utilização pelos acadêmicos de Enfermagem. Goiás. 2005.

EPI	Sempre		Situações Específicas		Raramente		Nunca		Não responderam	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Jaleco	170	93,4	9	5	0	0	0	0	3	1,6
Luvras	96	52,7	85	46,7	0	0	0	0	1	0,5
Máscara	52	28,5	119	65,3	4	2,1	0	0	7	3,8
Óculos	21	11,5	110	60,4	26	14,2	14	7,6	11	6,0
Gorro	26	14,2	107	58,7	21	11,5	12	6,5	16	8,7

Em relação às luvas (Tabela 2) 96 (52,7%) e 85 (46,7%) fazem uso sempre e em situações específicas respectivamente demonstrando a sua utilização durante as atividades práticas.

No estudo de Dejoy et al (2000), que analisou os fatores de influência na adesão às Precauções Padrão em uma amostra de 806 enfermeiros, níveis elevados de adesão foram encontrados em relação ao uso de luvas e lavagem das mãos.

Outro dado relevante é o fato de 110 (60,4%) alunos afirmarem que utilizam de óculos protetores em situações específicas. Segundo Garner (1996) os óculos protetores devem ser usados sempre que houver a possibilidade de respingos de material biológico durante a realização de um procedimento.

Tabela 2: Distribuição de freqüência e porcentagem dos acadêmicos em Enfermagem segundo a prática do uso das luvas de procedimento. Goiás, 2005.

Prática quanto ao uso de luvas de procedimento	F	%
Sempre que manusear sangue ou fluídos corpóreos	174	95,6
Substituída a cada paciente	172	94,5
Deve ser descartada logo após o seu uso	171	94,0
Não deve ser lavada, desinfetada ou esterilizada.	113	62,1
Substituída no mesmo paciente sempre que mudar de sítio de trabalho	111	61,0

Os óculos protetores fazem parte dos EPI menos utilizados, sendo que 11 alunos (6,0%) relataram não haver esta indicação na prática do enfermeiro e 7 (3,8%), não os utilizam, pois fazem uso de óculos corretivo.

Observou-se que mais da metade dos alunos, 112 (61,5%) descartam a máscara após uso em cada paciente.

Observamos que a principal dificuldade encontrada pelos acadêmicos quanto à utilização de EPI está relacionada à sua inexistência no local de trabalho ou a sua qualidade.

4. CONCLUSÃO

NEVES, H.C.C. SOUZA, A.C.S. Equipamento de proteção individual na perspectiva do controle de infecção entre graduandos do curso de enfermagem. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG-CONPEEX, 3. 2006, Goiânia. **Anais Eletrônicos do XIV Seminário de Iniciação Científica** (CD-ROM), Goiânia: UFG, 2006

Notamos que os cursos de graduação em enfermagem no Estado de Goiás têm contribuído para o conhecimento dos graduandos sobre o uso de EPI. Entretanto este conhecimento ainda não é suficiente para instrumentalizar estes alunos para o

enfrentamento das barreiras encontradas no cotidiano dos serviços de assistência à saúde quanto a disponibilização, uso e manuseio destes EPI.

A formação e preparo dos enfermeiros é uma questão fundamental, para o exercício consciente e seguro da profissão. O graduando deve ser capaz de no seu cotidiano de trabalho na apenas usar e manusear adequadamente os EPI, mas principalmente de transformar a realidade da prática do uso de EPI.

Neste contexto, entendemos que a educação conscientizadora assume relevância em qualquer programa de biossegurança, através de estratégias participativas e motivacionais, capaz de criar nos profissionais não só a responsabilidade social, mas, principalmente a consciência de que podem atuar de forma a preservar o meio ambiente, a melhorar a qualidade de vida e a proteger a própria vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEJOY, D.M. et al. Behavioral-diagnostic analysis of compliance with universal precautions among nurses. **Journal Occupational Health Psychology**. v. 5, n.1 p. 127-41. 2000

GARNER, J.S. Guideline for isolation precautions in hospitals. **Infection Control Hospital Epidemiology**, v.17, n.1, p.54-80, nov.1996.

¹Bolsista voluntária de iniciação científica. Faculdade de Enfermagem – (NEPIH) Núcleo de Estudos e Pesquisa em Infecção Hospitalar, nynne_cunha@yahoo.com.br

²Orientadora/ Faculdade de Enfermagem/ UFG, coordenadora do NEPIH, adenicia@fen.ufg.br